

cristã, a problemática topológica. Se a *mimésis* grega pressupunha um lugar e uma perspectiva, a imitação cristã sugere, antes, uma certa «nehures» que é, por sua vez, uma certa prefiguração daquilo que separa a condição física e temporal da condição de ressurreição e de glória eterna.

Num discurso vincadamente especulativo, J. A. Gilbert trata, num primeiro grande capítulo, das versões da *mimésis*, com variados sub-temas como *mimésis* e visão em Aristóteles, poética do manifesto, física e poética, a metáfora, o modelo, a inversão da *phantasia* e da *mimésis*, etc. O segundo capítulo é dedicado à *Imitatio Christi*: um modelo inédito, os antecedentes dos mártires, a inversão cristã, o referente da imitação, a relação com o espetáculo, etc. No terceiro capítulo especula sobre a topologia da facialidade, com particular referência a S. Francisco de Assis e a S. Francisco de Sales. Apresenta uma abundante bibliografia final (pp. 409-421).

JORGE COUTINHO

THEUNISSEN, Michael, **Théologie négative du temps**, coll. « Passages », Les Éditions du Cerf (www.editions-ducerf.fr), Paris, 2013, 350 p., 235 x 140, ISBN 978-2-204-09466-5.

O título não tem a ver com a clássica «teologia negativa» em si mesma. «Negativa», no caso presente, quer dizer que se trata aqui, antes, do que o autor considera que não deve ser pensado sobre o tempo, diferente daquilo que sobre ele poderá dizer-se em modo positivo. Ou, talvez com mais precisão, o que o autor ainda não conseguiu descortinar sobre o mistério do tempo, após e não obstante uma série de tentativas ou ensaios. São ensaios que incidem sobre vários aspectos do tempo, seguindo a tra-

dição filosófica desde Parménides, e Platão, rebuscando Santo Agostinho e Kierkegaard, Simmel, Husserl e Sartre. Em relevo está a ideia negativa do tempo (a influir também, ou porventura sobretudo, no título) como factor de dominação.

Na verdade, o volume em presença reúne vários ensaios, ligados à investigação e à leccionação do autor, um dos nomes mais relevantes no pensamento filosófico alemão da actualidade. Após considerações prévias sobre a possibilidade da actividade filosófica neste nosso tempo, a sua reflexão incide particularmente sobre as condições de felicidade na condição de se estar sujeito ao tempo, sob a sua dominação.

Esta dominação torna-se causa de sofrimento patológico. O autor recorre ao diálogo com eminentes representantes da psicopatologia fenomenológica ou saídos da filosofia da vida ((Minkowski, Gebattel, Erwin Strauss, Binswanger, Tellenbach) para analisar os males patentes em doentes mentais, sobretudo a depressão, males resultantes desta percepção do tempo dominador. Nas condições da modernidade antimetafísica, tenta, apesar de tudo, uma aproximação da verdade e uma via metafísica que, no caso, seria (também) uma via «metacrónica», que permitam a ultrapassagem destes males. Particular interesse lhe merecem a melancolia e a luta de resistência ao tempo, fenómenos que se podem conotar com a ideia de tempo como factor de perdição existencial e que remetem, conseqüentemente, para uma ideia de salvação. O tempo dominador (o *chronos* dos gregos), deverá ser superado pelo tempo de vida, que nos liberta (*aiôn*); a busca da uma eternidade dentro do tempo deve abrir-se a um tempo de eternidade, já outro que o verdadeiramente tempo, com o seu presente, passado e futuro.

JORGE COUTINHO